

## EPIDEMIOLOGIA DA RAIVA E A IMPORTÂNCIA DO CÃO

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020  
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

SANTOS; Delcivan Lima dos<sup>1</sup>, SOUZA; Isadora Conceição de<sup>2</sup>

### RESUMO

**INTRODUÇÃO** Segundo o Ministério da Saúde, a raiva é uma antroponose transmitida ao homem pela inoculação do vírus presente na saliva e secreções do animal infectado, principalmente pela mordedura. Apresenta letalidade de aproximadamente 100% e alto custo na assistência preventiva às pessoas expostas ao risco de adoecer e morrer. Apesar de ser conhecida desde a antiguidade, continua sendo um problema de saúde pública. O vírus da raiva é neurotrópico e sua ação no sistema nervoso central causa quadro clínico característico de encefalomielite aguda, decorrente da sua replicação viral nos neurônios. Pertence ao gênero *Lyssavirus*, da família *Rhabdoviridae*. Não existe um tratamento específico para a raiva. É realizado um tratamento profilático, quando há uma desconfiança que tenha ocorrido exposição ao vírus. A profilaxia envolve o uso da vacina, do soro específico, antivirais, antibióticos e limpeza da ferida com sabão ou detergente e água corrente, e utilização de etanol ou tintura ou solução aquosa de iodo. Apenas os mamíferos transmitem e adoecem pelo vírus da raiva. No Brasil, o morcego é o principal responsável pela manutenção da cadeia silvestre, enquanto o cão, em alguns municípios, continua sendo fonte de infecção importante. Outros reservatórios silvestres são: macaco, cachorro-do-mato, raposa, gato-do-mato, mão-pelada, guaxinim, entre outros. **OBJETIVOS** Analisar o papel do cão na transmissão da raiva aos seres humanos no ambiente urbano. **REVISÃO** A Raiva é uma doença infecciosa aguda e fatal. É um vírus que percorre o sistema nervoso central e tem uma grande concentração nas salivas. A transmissão da doença pode ocorrer por mordedura, arranhadura ou lambedura. O vírus é introduzido na pele íntegra ou nas mucosas, podendo estar intactas ou não. Atinge mamíferos, como os cães, gatos, ruminantes, equídeos, morcegos, raposas, primatas e o ser humano. Pode levar às vítimas a óbitos em quase 100% dos casos. A transmissão do vírus ocorre principalmente pela saliva de um indivíduo infectado, o período de incubação do vírus da raiva no humano e nos animais é, em média, de 20 a 90 dias, porém, pode permanecer no organismo por mais de um ano. Comportamentos anormais, ansiedade, inquietude, alucinações, que conforme se intensificam podem causar convulsões, parada cardíaca, levando a morte, esses são alguns sinais no homem. Nos animais pode causar, agressividade, o nervo faríngeo pode ficar imobilizado e, com isso, o animal pára de se alimentar e beber água, pode apresentar também latido rouco e produção excessiva de saliva. Vários países da América Latina ainda não conseguiram controlar o ciclo urbano da raiva, no qual o cão é o principal transmissor. Entre esses se encontra o Brasil. O Programa Nacional de Profilaxia da Raiva (PNPR) foi criado no Brasil em 1973 como um dos programas prioritários da política nacional de saúde. A criação do PNPR permitiu a elaboração e implantação de normas técnicas para o controle da enfermidade, a elaboração de um padrão na produção e controle de imunobiológicos utilizados no controle da raiva e também no abastecimento das Secretarias Estaduais de Saúde. O diagnóstico foi implantado mediante a criação de novos laboratórios e o treinamento de pessoal. Instituiu-se também um sistema de vigilância epidemiológica da raiva. O ciclo urbano da enfermidade continua sendo o mais importante, em que 80% do total de casos humanos foram transmitidos por cães, e o restante, por gatos. O segundo animal na escala de transmissão da raiva às pessoas é o morcego. Devido ao convívio do ser humano com cães e gatos, a raiva felina tem uma relevância epidemiológica em

<sup>1</sup> Médico Veterinário, delcivan.lima18@outlook.com

<sup>2</sup> Médico Veterinário, isa.souza7@hotmail.com

algumas regiões. Em países em desenvolvimento em áreas urbanas o cão é mencionado como o principal da cadeia epidemiológica. O cão tem sido primordial na difusão da raiva, seguido pelos quirópteros hematófagos que precisam de atenção, pois propagam a doença para os herbívoros. O número de gatos raivosos registrados varia de 10 a 20% do número de cães raivosos. Isso sugere que, ao se reduzir o número de cães com raiva, reduz-se proporcionalmente o número de gatos. No período de 1990 a 2009, foram registrados no Brasil 574 casos de raiva humana, nos quais, até 2003, a principal espécie agressora foi o cão. A partir de 2004, o morcego passou a ser o principal transmissor no Brasil. O número de casos humanos em que o cão é fonte de infecção diminuiu significativamente de 50, em 1990, para nenhum, em 2008, e dois no Maranhão, em 2009. As regiões Norte e Nordeste, no período de 1990 a 2009, foram responsáveis por 82% dos casos de raiva humana no Brasil, destacando-se Pará e Rondônia na região Norte; Maranhão, Bahia, Pernambuco, Ceará e Alagoas no Nordeste; e Minas Gerais no Sudeste. Na distribuição dos casos de raiva quanto aos animais transmissores no período de 1990 a 1995, o cão foi o responsável por 71% dos casos, seguido pelo morcego (14%) e pelo gato (5%). Já no período de 1996 a 2001, o cão participou de 81%, enquanto o morcego, o gato e animais silvestres terrestres (sagui e mão-pelada) contribuíram com 5% cada um. Entre 2002 e 2009, o morcego foi responsável por 63,8% dos casos e o cão por 30,2%. **CONCLUSÕES** A raiva humana e canina decresceu consideravelmente no Brasil, apesar do recrudescimento em algumas áreas e o aumento de casos humanos de transmissão por morcegos. A raiva (ciclo urbano) no Brasil localiza-se em algumas áreas específicas principalmente na região Nordeste, que é uma das mais pobres do País. A profilaxia de animais domésticos, seguida do controle de morcegos, constitui uma das formas mais eficientes de controle da raiva. **REFERÊNCIAS** Brasil. Ministério da Saúde. Guia de vigilância em saúde. Brasília, 2017. Disponível em: Acesso em: 24 de julho de 2020. Brasil. Ministério da Saúde. Normas técnicas de Profilaxia da Raiva Humana. Brasília, 2014. Acesso em: 26 de julho de 2020. DUARTE, Leila; DRAGO, Maria do Carmo. A Raiva: Virologia. (monografia)-Universidade de Évora de Portugal, 2005. LIMA, Felipe Gouvêa; GAGLIANI, Luiz Henrique. RAIVA: Aspectos Epidemiológicos, Controle e Diagnóstico laboratorial. Revista UNILUS Ensino e Pesquisa. Santos, 2014.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epidemiologia, mamíferos, letalidade, urbano, zoonose